

A MEDICINA NA GUERRA DO PARAGUAI. (Mato-Grosso) (III).

(Continuação).

LUIZ DE CASTRO SOUZA

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Membro titular do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

VIII

A RETIRADA DA LAGUNA — ASPECTOS MÉDICO-SANITÁRIOS.

Os nossos expedicionários tomam a posição militar paraguaia estabelecida na fazenda da Machorra, ainda em território brasileiro, após um pequeno tiroteio. No dia seguinte, 21 de abril de 1867, transpõem a fronteira e vão ocupar o fortim de Bela Vista que se encontrava incendiado e abandonado.

A incursão pelo território paraguaio representou o grande dia da Coluna, pois, a lembrança da invasão e das atrocidades levadas a efeito pelo inimigo, estavam bem presentes em todos, e, para o significativo ato, os soldados usaram o mais luzido uniforme e a banda de música executou os mais belos dobrados. As nossas bandeiras — substituídas por outras de cores mais vivas — fizeram-se tremular triunfalmente pelos horizontes e campinas da República do Paraguai. O júbilo pelo evento foi contagiante, mas de resultado dos mais penosos e sinistros para muitos daquêles bravos brasileiros. O entusiasmo era tanto que o Coronel Camisão ao comunicar-se com o presidente da província de Mato Grosso, em 23-4-67, dizia que desejava avançar até a Vila da Conceição, para instalar a artilharia sôbre a barranca do Rio Paraguai. . . (85).

(85). — TAUNAY, Visconde de — *A Retirada da Laguna*. Edições Melhoramentos, 14a. edição, s.d., p. 151.

O projeto de Caxias mandava que as fôrças chegadas ao Apa, deveriam esperar ligação com o grosso do exército que enfrentava Humaitá. Dêsse modo, o plano não foi respeitado e levado em consideração.

Em Maçorra e Bela Vista os nossos soldados encontraram alimentação abundante para alguns dias: cereais, batata, abóbora ou jerimum, cana etc. (86). Êsses gêneros devem ter representado muito para os expedicionários diante do futuro, que os aguardava, de carência alimentar.

O acampamento em Bela Vista prolongou-se pelo espaço de nove dias e as *Fôrças em Operações ao Norte do Paraguai*, começaram a ressentir-se de alimentação, pois o gado estava diminuindo com o consumo diário e não apareciam as boiadas prometidas e tão esperadas. A ausência de um serviço regular de abastecimentos fazia preocupar aquela marcha temerária e o comandante, então, envia comunicação solicitando mantimentos para Nioaque — ponto estabelecido para as provisões, não possuindo meios de comunicação segura nem serviço regular de comboios. Eram os elementos de apoio logístico indispensáveis em operações daquela envergadura, os quais, infelizmente, não existiam. Havia, apenas, a intenção sem os meios... Nioaque estava distante do acampamento umas 26 léguas.

O Coronel Carlos de Moraes Camisão, ao tomar conhecimento da existência de muito gado e víveres na Fazenda da Laguna — propriedade do ditador Solano López —, que ficava a umas quatro léguas de Bela Vista, resolveu ocupar o referido ponto. A 30 de abril levantou acampamento e na noite de 1 de maio, acampava na Invernada da Laguna. Nada encontrou do que fôra anunciado, pois o inimigo levava o que pudera e incendiara o restante. Assim, as perspectivas para as fôrças, como se vê, eram as piores possíveis. O destino da Expedição estava selado, ao contar com os recursos locais. Com muito esforço se conseguia juntar apenas 50 rezes.

Quanto mais os brasileiros penetravam, mais o inimigo recuava, deixando tudo arrasado. Nem combate os paraguaios enfrentavam, fugindo sempre aos primeiros tiros de nossas carabinas. Era o recuo estratégico, o meio de defesa empregado pelos nossos adversários, na intenção de envolver e aniquilar as nossas fôrças invasoras.

Verificando ser impossível a incursão pelo território paraguaio sem os recursos de abastecimentos e tropa de cavalaria, resolveu o Coronel Camisão retroceder para Nioaque, mas antes planejou um ataque ao acampamento inimigo que ficava distante uma légua e meia. Naquele local se encontrava acampado o 21º Regimento de

(86). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Edições Melhoramentos, s.d. p. 235.

Cavalaria paraguaia, chegado no dia anterior como refôrço. Esse ataque tinha que ser executado com astúcia e surprêsa, a fim de evitar que o inimigo se retirasse como vinha procedendo. Assim, na madrugada do dia 6 de maio, o 21º Batalhão de Infantaria sob o comando do Major em Comissão José Tomás Gonçalves e o Corpo de Caçadores a Cavallo (na realidade desmontados) comandados pelo Capitão Pedro José Rufino, num assalto cheio de coragem e tenacidade, caem impetuosamente sôbre os paraguaios, sem que êstes o pressentissem. O inimigo não teve outra alternativa e foi obrigado a enfrentar as baionetas dos nossos bravos soldados. Os paraguaios tiveram baixas sensíveis pela primeira vez e quem não foi morto fugiu apavorado pelo arrôjo e disposição dos nossos expedicionários. Representou êsse combate a ilusão de um feito de armas em solo paraguaio.

Os brasileiros com êsse acontecimento, consideraram-se de alma lavada e como os combôios de víveres não apareciam, o Coronel Camisão, dois dias depois, iniciava a retirada das fôrças a caminho da fronteira, pelas 7 horas da manhã do dia 8 de maio de 1867, com a devida formação militar, digna dos melhores exércitos do mundo. Encontravam-se a umas oito léguas do Rio Apa.

Quando a Coluna bateu em retirada, já os paraguaios haviam recebido o refôrço de uns 1.500 homens — tropa bem treinada e municuada e de melhor constituição guerreira —, sendo a maioria pertencente à arma de cavalaria, soldados de infantaria e algumas peças de artilharia.

Os paraguaios não conseguindo o intento de aniquilar a Coluna brasileira em seu próprio território, diante da resolução do comandante Camisão, procuraram, então, envolvê-la e destruí-las com ataques bem organizados nos quais utilizaram a cavalaria, infantaria e duas peças de artilharia puxadas a cavallo. Iam acompanhando passo a passo as nossas fôrças e às vêzes precedendo-as, caindo de improviso sôbre as mesmas, e, principalmente, escolhendo para o ataque os elementos isolados e os bivaques. Nos dias 8, 9 e 11, houve combates bem sérios, sendo nêsse último, denominado combate de Nhandipá, o mais sangrento e de lances memoráveis; os paraguaios deixaram o campo coberto de cadáveres e as nossas baixas foram também sensíveis. A 11, a Coluna havia atravessado o Apa, pisando novamente o território brasileiro, quando se deu o ataque inimigo, cuja penosa conseqüência foi, sem dúvida, a perda do gado de corte que, assustado pelos estampidos do canhoneio, precipitou-se contra as fileiras do batalhão de retaguarda e debandou pelos campos à fora. Desaparecia, assim, o elemento indispensável de sobrevivência para os nossos soldados, naquela emergência de penúria e sofrimento, comprometendo, deveras, a continuação da jornada.

A 12, o Coronel Camisão, acolhendo a opinião do incansável Guia José Francisco Lopes, escolheu outro rumo, desviando-se da estrada principal conhecida como da Machorra e seguiu através do campo para desviar-se do inimigo e encurtar o caminho até Nioaque, passando pela fazenda do Jardim — propriedade do Guia Lopes —, local de esperados recursos. Parecia ser uma trilha mais segura contra o ataque da cavalaria paraguaia, porém, desconhecida e coberta de mato. Eram terrenos jamais trilhados e constituídos de um trecho de cerrado e a maioria de macega alta e bambús, quando o inimigo, diante desses últimos elementos, utilizou o odioso expediente de guerra, provocando o incêndio para destruir a Coluna. Foram dias terríveis, com o fogo vindo de vários lados, como verdadeiro furacão de chamas. Ainda, aí, a experiência do Guia Lopes veio salvar a Expedição de perecer devorada pelo fogo; apenas um soldado faleceu por asfixia.

O Comandante, sentindo as condições do nôvo caminho que era aberto pelos soldados e palmilhado com muita dificuldade, decidiu reduzir a bagagem, sendo prontamente atendido pelos oficiais, passando os animais de carga a servir no transporte de cartuchame. Do mesmo modo, determinou, ainda, a descarga de algumas carretas para destiná-las ao transporte de feridos, fazendo distribuir a farinha, o arroz, os legumes secos, que se achavam nas mesmas, entre os soldados. Essa última providência deu em desastrosas conseqüências, pois, os víveres foram consumidos totalmente pelas praças, em apenas alguns dias, agravando, dêsse modo, a situação que já se calculava das mais catastróficas para a Coluna. Outro resultado não se poderia esperar de homens vencidos pelo cansaço e pela fome!

Tanto nos combates como nos tiroteios de 14 a 27 de maio, o inimigo fôra sempre repellido bravamente pelos nossos soldados que, apesar de tudo, continuaram a marcha, lenta pelas dificuldades e marcada de tanto sofrimento. Aquêles homens de têmpera, venceram também o fogo das macegas e as chuvas torrenciais, a soalheira causticante e os caminhos encharcados, a fome e as noites frias, a neurose e os gemidos dos enfêrmos, o desespero e a loucura, a deserção e a própria disciplina que estivera prestes a soçobrar, para fixarem, finalmente, um painel de grandeza e valor sôbre-humano, cujo tempo decorrido, provoca ainda hoje e sempre, a lembrança mais pungente e contrita no âmago do coração dos homens. Sômente a pena privilegiada do Visconde de Taunay — um dos retirantes — poderia transcrever, em livro de ouro, o drama vivido pelos nossos heróis e mártires, como exemplo edificante e contemplação perene da história militar da humanidade.

A 29 de maio de 1867, a Coluna se encontrava, finalmente, em terras da estância do Jardim, à margem esquerda do Rio Miranda, quando nêsse dia faleciam o Comandante-Chefe, Coronel Carlos de

Moraes Camisão e o seu imediato, Tenente-Coronel Juvêncio Manoel Cabral de Meneses. No dia anterior, havia morrido o Guia Lopes, olhando os céus de sua propriedade e cumprindo sua missão sagrada de salvar os compatriotas. Do outro lado do rio estava a tranqüila morada do nosso guia, rodeada de belo laranjal, tão falado e prometido pelo sertanejo. A situação da maioria da Coluna era mais de farrapos do que de criaturas humanas, mas, depois de transposto o Rio Miranda e recuperados com o consumo de grande quantidade de laranjas e limões, que trouxera a melhoria imediata das condições físicas, partem os nossos heróis em marcha forçada, quase sem parar, até Nioaque, onde entram a 2 de junho. Aí, os paraguaios depois de destruir a localidade, armam uma cilada, cujo resultado é uma explosão que vai provocar a morte de nove soldados, fora muitos com queimaduras extensas, aumentando o sofrimento de todos. Foi dêsse modo, diz Lobo Viana, que o inimigo se despediu para sempre dos heróis da Laguna.

Em Nioaque, os componentes da Coluna já estavam alimentados com certa regularidade e, então, prosseguiram na marcha e chegaram a 11 de junho de 1867, ao pôrto de Canuto, margem esquerda do Aquidauana, distanciados mais ainda do inferno e dos diabólicos e impetuosos paraguaios. Eram soldados maltrapilhos e com os pés ensangüentados, entretanto vitorioso mais das provações do que das armas inimigas.

No dia seguinte, o comandante interino da Coluna, Major em Comissão, José Tomás Gonçalves, dizia em Ordem do Dia aos seus intrépidos comandados:

“Soldados! honra a vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!”.

* * *

*

Daquêles quinze médicos que serviram no Corpo de Saúde da Fôrça Expedicionária de Mato Grosso, doze vieram da Côte (Rio de Janeiro), inclusive o primeiro chefe; dois, com as tropas de Minas Gerais e um, da guarnição da província de Goiás. Por ocasião da invasão do Apa, depois de dois anos de longa e interminável caminhada, apenas dois médicos militares eram responsáveis pela manutenção das condições de saúde dos nossos expedicionários. Os demais obtiveram baixa, a maioria por doença adquirida durante a jornada e outros por receberem novas designações.

Os dois remanescentes eram os Capitães 1^{os}. Cirurgiões. Drs. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA e MANOEL DE

ARAGÃO GESTEIRA, cujas atuações em todo o período da invasão e da retirada, foram louvados pelos chefes militares, pois, receberam desses abnegados profissionais da medicina, o indispensável apoio tão útil naquêles lances épicos, gravados por bravos! O primeiro havia se incorporado à Coluna, em Coxim, servindo aos soldados goianos e o segundo veio com a brigada mineira.

O décimo sexto médico a ser classificado na Coluna Expedicionária foi o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. CIRILO JOSÉ PEREIRA DE ALBUQUERQUE, quando, a 5 de outubro de 1866, fôra declarada sem efeito a sua nomeação para fiscal do Serviço Sanitário da guarnição da província de Mato Grosso e ordenado que se apresentasse ao Comandante das Fôrças, cujo aviso ministerial só chegou à capital da província, em fins do mês de dezembro do referido ano (87). Este médico militar que se encontrava na cidade de Cuiabá, por motivo superior, não se apresentou, somente fazendo-o quando os heróis da Retirada da Laguna se encaminhavam para Cuiabá, constando sua presença no Mapa das Fôrças, organizado no acampamento de Aricá-Grande, em 15-10-1867. Nessa ocasião teve oportunidade de prestar seus serviços na supervisão das medidas profiláticas, determinadas pelas autoridades militares da província, contra a variola que assolava Mato Grosso, após a retomada de Corumbá.

Antes mesmo da invasão do Paraguai, o Serviço de Saúde da Coluna Expedicionária, em Nioaque, já não contava com a colaboração dos farmacêuticos. Dos quatro que estiveram em serviço na Coluna, todos receberam baixa por doença adquirida na longa caminhada.

Diz Taunay que

“fôra o pessoal do nosso serviço médico muito perseguido pelas febres palustres de Miranda. Haviam-nos deixado vários de seus membros; além de tudo, as nossas caixas de cirurgia e de farmácia tinham-se tôdas perdido ou deteriorado, devido aos acidentes da viagem”. Continua, acrescentando: “puderam, contudo, os nossos feridos receber ainda todos os socorros que precisaram, graças aos esforços da engenhosa humanidade de que foram alvos. Superintendera o Comandante, sempre, este serviço, e tivéramos a felicidade de conservar dois hábeis clínicos, os doutores Quintana e Gesteira. Pertencia êste último ao corpo empenhado no combate de 6, e, sob as balas, dera provas de dedicação e sangue frio, como verdadeiro discípulo do grande Larrey” (88).

Realmente, sôbre êsse ataque do dia 6 de maio, a parte oficial do Major em Comissão, José Tomás Gonçalves, comandante do 21º

(87). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 242, doc. 358 e 430.

(88). — *A Retirada da Laguna*. Melhoramentos, 14a. Ed., s. d., p. 73.

Batalhão de Infantaria, unidade que teve atuação destacada nêsse combate, afirma que

“o 1º Cirurgião Doutor Manoel de Aragão, fez o seu dever de médico militar por modo superior ao elogio, curando os feridos com extraordinário sangue frio, debaixo de fogo e animando pelo seu exemplo aos companheiros que o cercavam” (89).

Em outro documento referente à Retirada, do comandante do 17º Batalhão de Voluntários da Pátria, o Tenente-Coronel em Comissão Antônio Enéias Gustavo Galvão assevera em sua parte de nº 30, de 28-5-1867:

“não posso deixar em esquecimento o nome do distinto Cirurgião Doutor Manoel de Aragão Gesteira, que com a maior humanidade e ao lado sempre dos soldados feridos em número de vinte e nove, e de setenta e seis atacados da epidemia, deu provas mais exuberantes de sua dedicação no curativo dos mesmos” (90).

Já o Major José Tomás Gonçalves, como comandante interino da Coluna, em sua parte dirigida ao presidente da província de Mato Grosso, em officio datado de 16 de junho de 1867, no qual narra todos os acontecimentos da Retirada da Laguna, faz elogiosas referências aos médicos militares, quando afirma:

“Os dois médicos juntos a esta coluna, portaram-se com a caridade e dedicação que a ciência recomenda, e que as leis militares deles exigem”. E continua: “Os dignos e inteligentes 1ºs. Cirurgiões-Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira curavam aos feridos nos campos de ação, desenvolvendo por ocasião do aparecimento da cólera (sic) atividade incansável, sempre solícitos pelo estado do soldado enfêrmo, apesar de lutarem com a falta absoluta de medicamentos” (91).

E na Ordem do Dia nº 3, de 12-6-1867, no acampamento junto à margem esquerda do Rio Aquidauana, o acima referido comandante interino da Coluna, ainda exalta a atuação dos médicos militares, nos seguintes têrmos:

“Os 1ºs. Cirurgiões Drs. Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira, muito se distinguiram nessas jornadas de glória no curativo dos feridos, não se enfraquecendo a sua caridade e dedicação nos funéreos dias da cólera-morbo (sic). Honra a êsses nobres facultativos!” (92).

*

* *

(89). — *Idem. Ibidem*, pp. 157-158.

(90). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 242, doc. 413.

(91). — TAUNAY, VISCONDE DE — *A Retirada da Laguna*. Melhoramentos, 14a. ed., pp. 177-184.

(92). — *Idem. Ibidem*. p. 185.

A Coluna de Mato Grosso, como anteriormente nos referimos, fazia-se acompanhar pelos familiares, do mesmo modo como procediam os nossos exércitos em ação no teatro principal da guerra. Era a instituição do exército patriarcal com que fizemos a Guerra do Paraguai, na afirmação do historiador General F. de Paula Cidade. Diz Taunay que na Retirada da Laguna chegara a contar cerca de setenta e uma mulheres: a maioria caminhava a pé, exceto duas, montadas em bestas. Assevera, ainda, que quase tôdas carregavam crianças de peito ou roco mais velhas. Esse grupo de mulheres e crianças de tôdas as idades, representaram não só problemas quanto à alimentação, mas, também, no que diz respeito à segurança da tropa.

A presença da mulher na Retirada da Laguna, foi assinalada por cenas comoventes e momentos épicos, cujos episódios foram narrados pelo emérito escritor da Expedição. Afirma Taunay que no combate de Bayendê, a 8 de maio,

“uma mulher apanha a clavina do marido morto e, disparando-a por vêzes, defende a vida de um filhinho de colo que depositara no chão” (93). Outra, “havendo-se encarniçado um paraguai em lhe arrancar o filho, tomara ela de um salto uma espada largada no chão, e num ápice matara o assaltante. Mais infeliz vira outra o filhinho recém-nascido espotejado por um inimigo, que pelas pernas lho arrancara do colo”. E conclui Taunay, que essas pobres mulheres “traziam tôdas no rosto, os estigmas do sofrimento e da extrema miséria” (94).

Se naquelas mulheres o sentimento materno se manifestou eloqüentemente diante do perigo e da própria morte, uma, entre tôdas, além dêsse espírito d'alma comum, deixou marcada sua bravura, destemor, bondade. Deu-se o fato por ocasião do combate do dia 11 de maio, quando a totalidade das mulheres escondia-se sob as carretas, ali disputando um lugar com horrível tumulto e alarido. Aquela, entretanto, colocada durante a peleja, no meio do quadrado formado pelo 17º Batalhão de Voluntários da Pátria, indiferente às balas, às lanças e aos ataques do inimigo, desvelara-se por todos e, antecipando os primeiros socorros dos médicos, rasgava as próprias roupas para pensar as feridas gloriosas dos nossos soldados (95). Foi uma autêntica heroína essa mulher de um soldado que se chamava Ana e cognominada *Ana Mamuda*, cujo gesto digno e humano, se fixou na admiração e na gratidão de todos. Era uma humilde negra de coração branco, mas, antes de tudo, mulher. Sublime mulher, cuja glória a história tem o dever de registrar e consagrar.

(93). — *Narrativas Militares*, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte. Garnier, Rio de Janeiro, 1878, p. 61.

(94). — *Retirada da Laguna*, p. 103.

(95). — *Idem*, p. 85.

* *
*

As ocorrências médico-cirúrgicas da *Retirada da Laguna* foram narradas pelo Capitão 1º Cirurgião, Dr. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA, responsável pelo Serviço de Saúde da Expedição, pois era oficial médico mais antigo do que seu colega Capitão 1º Cirurgião, Dr. MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA.

Em sua parte oficial, apresentada em 15 de junho de 1867, no acampamento à margem esquerda do Rio Aquidauana, dirigida ao Major José Tomás Gonçalves, comandante interino das Fôrças, relata o Dr. QUINTANA:

“Ilmo. Sr. — Havendo V. Sa. exigido de mim uma parte sobre a epidemia e ferimentos havidos na expedição de Mato Grosso, passo muito perfunctôriamente a expender o seguinte: Que no dia dez de maio, na Bela Vista, foi-me trazido à consulta um Índio que sofria de diarréia abundante e que no dia seguinte faleceu. Êste doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tínhamos a tratar, faleceu, sem que tivéssemos bem observado sua enfermidade.

No dia 17, às 11 horas da noite, pouco mais ou menos, entraram mais dois enfêrmos para a Enfermaria, os quais atraíram a atenção pelos grandes gritos que davam em consequência de câibras e pela semelhança dos sintomas de ambos, que eram: grande sede, supressão de urinas, vômitos, evacuações alvinas abundantíssimas, resfriamento das extremidades. e no dia seguinte, os em que morreram, estavam desfigurados pela magreza do rosto; então julgamos que tínhamos em presença a horrenda epidemia de cólera-morbus, que no dia subsequente tornou-se evidente, pela entrada de muitos atacados com os sintomas seguintes: vômitos, evacuações alvinas abundantes de uma matéria semelhante à água de arroz, grande sede, dispnéia, pulso pequeno, freqüente, supressão de urinas, mudança extrema no metal da voz e mesmo afonia, pele fria, cianose, magreza e desfiguramento rápido do rosto etc.

A falta de viveres, de barracas e roupa suficiente na estação do inverno, muito deveria concorrer para aumentar o número de atacados, os quais, entrando nas enfermarias, também, ai não acharam abrigo contra as intempéries.

Os medicamentos no fim de poucos dias estavam acabados.

As marchas muitas vêzes durante o dia inteiro, algumas vêzes de noite, a péssima condução de carros puxados a bois, em que os doentes comprimiam-se mutuamente, pela exigüidade de espaço, deveriam ter grande parte do acréscimo da mortalidade, que era de quase todos os atacados.

Afinal todos os carros foram queimados por necessidade; os doentes eram conduzidos em padiolas por soldados enfraquecidos pe-

la fome, estropiados, que se recusavam a carregá-los, e que os deixavam atirados no caminho, sempre que o podiam fazer.

Os sãoos já mal eram suficientes para conduzir os doentes, sendo preciso caminhar com presteza, pois já nenhum alimento tínhamos, além das poucas reses que puxavam a artilharia.

À vista disto, foram os doentes de cólera-morbus deixado no pouso por ordem superior, no dia 26 de maio.

Até o dia 1 de junho a epidemia ainda não tinha cessado.

Nesse dia, tendo as forças começado a marcha, quase à noite, debaixo de chuva fortíssima, caminhou-se seis léguas. Durante este trajeto, que terminou no dia 2 de tarde, morreram alguns coléricos, e no dia 3 o último doente grave dessa enfermidade que ainda restava. Nesse dia, a epidemia cessou.

Quanto aos feridos em combate, também tivemos de sofrer as mesmas faltas.

Nenhuma operação de alta cirurgia foi necessário praticar. Deram-se pontos de sutura, fizeram-se compressões nas artérias para suprimir hemorragias, cauterização com nitrato de prata etc. Os médicos que se achavam nas forças éramos eu e o 1º Cirurgião Dr. Manoel de Aragão Gesteira.

O número de feridos foi de 41: 37 praças e 4 oficiais; o dos coléricos que faleceram foi de 173: oficiais 10 e praças 163. Os que ficaram em caminho todos moribundos, foram 122, incluindo tanto os que ficaram por ordem superior, como os que eram deixados pelos soldados que os conduziam.

É o que tenho a participar a V. Sa., a quem Deus Guarde" (96).

Devemos dizer que a distribuição dos víveres entre os soldados, realizada no dia 13, para desatrarancar algumas carretas, resultou em seu rápido consumo, sem a previsão necessária, quando, então, começou a fome a atingir os nossos expedicionários. O cansaço com as marchas contínuas, os sobressaltos e a tensão reinantes, tiveram conseqüências as mais terríveis para o organismo das praças. Agravava, ainda mais, as mudanças bruscas da temperatura com as chuvas torrenciais e os campos encharcados, para no dia seguinte surgirem o calor abrasador e o incêndio das macegas. Os acampamentos eram insalubres, em condições defeituosas de higiene individual e coletiva; os nossos expedicionários dormiam ao relento, sem barracas e em terreno úmido, e as vezes trocavam o sono pela vigília.

(96). — Este documento médico militar mereceu ser transcrito na *Gazeta Médica da Bahia*, Ano II, nº 27, 15 de agosto 1867, p. 36, possivelmente enviado pelo Dr. Quintana, na época, e é idêntica à cópia que encontramos no Arquivo Nacional, IG 1-242, doc. 383. A revista *O Arquivo* de Culabá, o publicou, em 1901, como, também, em Anexos à obra *Epopéia da Laguna*, do Gal. Lobo Viana, 1920. Posteriormente, o encontramos transcrito na 14a. Edição da *Retirada da Laguna*, Ed. Melhoramentos. Nessas últimas publicações, há omissões quanto aos dados de óbitos.

Os bois dos carros tinham que ser sacrificados para o sustento das praças. Os recursos alimentares eram procurados no mato, tirando-se palmitos, frutos verdes e podres, e caçando. O gado de corte que se abatia, habitualmente, 21 reses, passou a ser 4 ou 8 reses, aproveitadas do gado utilizado como animal de carga. Diz o comandante interino, em sua parte oficial sôbre os acontecimentos da *Retirada da Laguna*, que foram 22 dias de cruel fome!

Afirma Taunay, na página 103, que na parada do dia 18 de maio, quando já imperavam a fome e o frio, após copiosa chuva, que encharcara as vestes dos nossos expedicionários, a muito custo puderam ter fogo, empilhando

“muita lenha verde que ardia quase sem labaredas”. E acrescenta: “*Nauseante espetáculo revelou-nos, nesse lugar, quando entre os nossos soldados era a fome tremenda. Ia matar-se um boi estafado, quase agonizante. Formára-se um círculo em tórno do animal; cada qual mais ansioso esperando o jacto de sangue; uns para o receberem num vaso e o levarem, outros para o beberem ali mesmo. Chegado o momento, atiraram-se todos a êle, os mais afastados e os mais próximos. E assim era diàriamente. Mal tinha o magareje tempo de cortar a rês; era quase necessário arrancar às mãos dos soldados os nacos, a fim de os levar ao local da distribuição. Os resíduos, as vísceras, até o couro, tudo se despedaçava ali mesmo e era logo devorado mal assado ou cozido; repulsivo pasto de que não podia deixar de originar-se alguma epidemia*” (97).

Esse “nauseante espetáculo” transcrito pelo Taunay, o qual se repetia “diàriamente” na marcha da Coluna, faz-nos pensar, sem dúvida, que depois daqueles banquetes macabros, o mal que atingiu os nossos expedicionários, só poderia ter sido uma *toxi-infecção alimentar com gastro-enterite aguda* e não a cólera. A sintomatologia das gastro-enterites por intoxicação podem manifestar-se em poucas horas a dois, três ou quatro dias. E a coincidência flagrante é quanto ao exato dia daquela cena triste — 17 de maio para o Dr. QUINTANA ou 18 para Taunay por um lapso de memória —, pois, entravam às 11 horas da noite na enfermaria ambulante, dois doentes com sinais do mal.

A infecção ou intoxicação fôra agravada pela diminuição das resistências orgânicas dos nossos soldados e como anotou o Dr. Irsag Amaral da Cunha (98) que “nas toxi-infecções a fadiga está sempre presente”, estado êsse já dominante entre os expedicionários e assim o terreno propício para agravar a situação. Outro dado que desejamos acrescentar e lembrar, é quanto ao

(97) . — *Retirada da Laguna*, 14a. edição.

(98) . — *Higiene Naval*, p. 229.

“consumo da carne dos animais desnutridos e fatigados” que “acarreta frequentemente intoxicações alimentares (Brouardel)” (99).

A dúvida do diagnóstico clínico e da propagação da cólera na Coluna Expedicionária de Mato Grosso, foram suscitadas, desde aquela época, pois o Dr. José Pereira Rego (Barão de Lavradio em 25-9-1872 e com honras de grandeza em 19-9-1877), em seu *Relatório da Junta de Higiene Pública*, de 26 de março de 1868, na parte referente à colera-morbo na Fôrça Expedicionária ao sul de Mato Grosso, depois de transcrever a parte oficial escrita pelo Dr. QUINTANA, afirma:

“O aparecimento desta epidemia em uma expedição que nenhum contacto teve nem com homens, nem com objetos procedentes das povoações atacadas de cólera-morbo desperta o interesse da resolução de duas questões: 1a., se foi uma verdadeira epidemia de cólera ou de outra moléstia simulando-a; 2a., como se desenvolveu ela? Por transmissão ou espontaneamente? A Primeira, presumo resolvida pelo complexo de sintomas acima expostos, os quais não podem deixar a menor dúvida no espírito acêrca da existência da cólera. Quanto a 2a., é por ora arriscado qualquer juízo que se possa enunciar a êste respeito, cumprindo adiar a sua solução para quando se apresentarem dados mais positivos e melhores esclarecimentos.

“Competindo de preferência a resolução dêste difícil problema às testemunhas oculares dos fatos, limitar-me-ei a aventurar um juízo, e vem a ser: que me parece acreditável a transmissão da moléstia à expedição de Mato Grosso pela atmosfera infectada do Paraguai; porquanto, como se sabe, a enfermidade, depois dos estragos feitos na República Argentina, e no nosso Exército, em operações contra a República do Paraguai, saltou às fileiras de exército dêste e dizimou não pequeno número de soldados.

“Muito fácil era portanto que o elemento gerador da moléstia fôsse levado aos diferentes pontos do interior do país, quer pelas comunicações fluviais, quer pelas terrestres, comunicações inevitáveis em uma época de guerra; e que o estado de fadiga e outras circunstâncias desfavoráveis da expedição ao pisar a terra paraguaia facilitasse o seu acometimento pela moléstia, ainda mesmo quando já pouca influência exercesse seu elemento gerador sôbre os habitantes do país.

“Em conclusão direi: que a cólera, que grassou em Mato Grosso, differençou-se sensivelmente daquela que reinou nesta Côrte, aproximando-se de algum modo do caráter das epidemias primitivas que se manifestaram depois de sua transmissão do lugar donde é origi-

nária, como se deduz dos sintomas acima expostos" (os grifos são nossos) (100).

Mais tarde, o Dr. Alexandre José Soeiro de Faria Guarany, em seu *Esbôço histórico das epidemias de cólera-morbus, que reinaram no Brasil desde 1855 até 1867* (101), quando menciona a epidemia da Coluna, diz entre outras coisas:

"A que causa atribuir-se a invasão dessa epidemia? — Com efeito a moléstia fatal, que dizimou a nossa expedição e que teve por epílogo o que acabamos de descrever, foi a enfermidade denominada cólera, nascida nas Índias Orientais? Ou seria a que é separada pela especificidade de causa, conhecida desde as mais remotas épocas por *cholera-nostra*?"

Ao concluir pela cólera verdadeira, isto é, determinada pelo vibrião colérico, afirma também que a transmissão do germe epidêmico fôra dos próprios reforços militares que López mandara para engrossar as suas colunas em Mato Grosso.

O Dr. Luiz Brandão Filho (102), em 1941, publicou um belo trabalho interpretativo acêra da epidemia reinante na *Retirada da Laguna*, levantando a dúvida sôbre a cólera que havia dizimado os nossos patrícios e concluiu que aquêle mal súbito e terrível, não passava de *uma profunda intoxicação alimentar à que se associava uma grande carência de vitaminas*. Êste médico baseou-se para essa conclusão, apenas no texto do livro do Visconde de Taunay sôbre a Expedição, sem conhecer os documentos agora apresentados, o que faz ressaltar, ainda mais, o seu valioso trabalho.

A disseminação da cólera na Coluna de Mato Grosso é apontada por vários autores como de responsabilidade dos reforços enviados por López, pois, na frente principal da guerra, no Paraguai, o mal havia feito devastação nos combatentes. As nossas fôrças, naquele teatro de operações, sofreram as consequências do morbo nos fins do mês de março até maio de 1867, quando depois atingiria os combatentes paraguaios. Não sabemos exatamente donde haviam partido os citados reforços; se foram de zonas já contaminadas pelo mal, porém nesse caso os responsáveis pelo contágio só poderiam ser os bacilíferos, os portadores de germes, que são pessoas que abrigam germes patogênicos sem serem atingidos pela infecção. Êstes porta-

(100). — *Apud* Dr. José Pereira Rego Filho, *Epidemias* (estudo bibliográfico), in *Em comemoração do ensino médico*, Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 1908, pp. 221-222.

(101). — *Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*. Tomo 55 (1889-1890), pp. 109-131.

(102). — *Comentário médico à margem d' "A RETIRADA DA LAGUNA" — cólera ou intoxicação alimentar e avitaminose?* Separata de *Publicações Médicas*, Ano XIII, n.ºs. 3 e 4 — Out.-Nov. 1941.

dores em contacto com pessoas receptíveis, provocam a contaminação. E' a causa da propagação a grandes distâncias, comprovada também na epidemiologia da cólera, hoje devidamente esclarecida e naquela época tido como responsável a "atmosfera infectada" . . . defendida pelos grandes mestres daquele tempo. A realidade é que nos referidos reforços paraguaios — se haviam portadores de germes e outros receptíveis — não houve incidência da cólera e até mesmo depois daquela cena horripilante narrada por Taunay, quando os inimigos

“abriram as covas, delas exumando os cadáveres para os despojar dos miseráveis andrajos, que depois, violentamente, entre si disputavam” (103).

Este fato vem ainda comprovar que aquela entidade patológica não era a cólera, por continuar imune às fôrças paraguaias que nos atacaram, após o contágio pelo uso dos objetos de nossos soldados falecidos.

E para deixar ainda mais arraigada a idéia de ter sido a intoxicação alimentar responsável por aquêlê quadro epidêmico, vamos transcrever, na íntegra, um trecho do Taunay, publicado em suas *Memórias*, nas páginas 244 e 245, sôbre a enfermidade do comandante Carlos de Moraes Camisão e seu imediato, Tenente-Coronel Juvêncio Cabral de Meneses, falecidos a 29 de maio de 1867 e relacionados como vítimas da suposta epidemia de cólera-morbo da Expedição:

“Escapei da cólera, diz Taunay, por modo bem singular e graças à boa inspiração de momento, expediente que me acudiu de súbito à idéia e executei sem mais vacilação.

Boa inspiração?

Decerto. A vida ainda tinha que me proporcionar bem bons trechos, que deveras compensaram largamente não pequenas contrariedades e até grandes aborrecimentos, conforme irei contando com mais método, à medida que as datas se forem tornando mais frescas e recentes.

Havíamos já abandonado os coléricos. Exatamente na véspera. Indo falar com o coronel Camisão, encontrei-o em companhia de Juvêncio, sentados num coxo, a comerem tristemente uma carne viciada mas com muita pimenta do reino. O aspecto era mau: entretanto o cheiro acre não deixava de agradar ao olfato

— “O meu camarada, explicou-me o coronel, achou não sei que temperos no fundo de uma bruaca e preparou-nos isto. O Sr. quer provar?”

Não me fiz de rogado com a fome que me torturava o estômago e aceitei um pedacinho de carne com arroz, cujo gosto a prin-

cípio me soube bem. Depois, porém, ao retirar-me, senti-me, enjoado e logo me acudiu sinistro pensamento: “Estou com a cólera!” E com alguma ansiedade pus-me a caminhar depressa.

Foi quando, ao avistar uma flor de capim que pendia de comprida haste, puxei-a e com ela esfreguei violentamente a garganta até provocar grande vômito, que logo me aliviou.

Bebi um caneco d’água fresca, que ainda me fêz lançar; mas então já experimentava como que a posse da vida nova e segura, a consciência de ter escapado de iminente perigo.

Horas depois, Camisão, Juvêncio, o camarada daquêlle e o desasado cozinheiro, todos quantos haviam comido da tal carne tão picantemente adubada, estavam mortalmente atacados de *cólera-morbo*!...

O nosso Chefe Juvêncio Manuel Cabral de Meneses foi salteado pela enfermidade de modo sensivelmente fraco, mas não houve como tratá-lo por falta de medicamentos e cuidados de regime.

Bem me recordo da noite em que senti a invasão do mal. Dormíamos juntos num couro estendido. De repente, acordou-me: “Taunay, disse sacudindo-me com violência, estou com a *cólera*, não há duvida!”

— Deixe-se de mêdos, respondi-lhe, aborrecido por ser interrompido no meu repouso de chumbo.

E tornei a pegar no sono.

— “Taunay, repetia o pobre do desgraçado, veja se me arranja algum remèdiazinho com o Gesteira!” E não foi senão muito a custo que me pôde despertar.

— “Deveras o Sr. está doente ou é cisma?” Grandes vômitos foram a resposta (104).

Levantei-me e, ao sair da barraca, por noite fria e umida, ouvi ao lado um tiro de espingarda. Era o camarada do coronel Camisão que acabara de suicidar-se para não suportar mais as dores que lhe torciam pernas e braços.

Ao voltar do Gesteira, com uns papèizinhos de *sabntrato de bismuto*, achei já o Juvêncio também com câibras e a vomitar e evacuar”.

As toxi-infecções graves que correm por conta de salmonelas, de grupos bem determinados, apresentam aquella síndrome coleriforme transcrita pelo Dr. QUINTANA: vômitos, diarréia profusa de fezes riziformes (com aspecto de grãos de arroz), desidratação (provocando “grande sêde”), desequilíbrio hidrossalino, pulso pequeno e freqüente, anúria (supressão de urinas), o nariz se afila, as extremidades arrefecem, esfriam e ficam cianóticas, câibras nos músculos das panturrilhas, a voz torna-se fraca e apagada (“mudança extrema no metal da voz e mesmo afonia”). No capítulo dêsse assunto, assevera

(104). — Geralmente nos casos de intoxicações com gastroenterite, os vômitos precedem às dejeções líquidas, enquanto na cólera é o contrário que se observa. É o exemplo narrado.

Vieira Romeiro (105), que tudo isso lembra o quadro clínico da cólera e dá-se a tais casos a denominação *colerina* ou *cholera-nostra*.

O Dr. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA não possuindo outros meios diferenciais de diagnóstico, na época, não teve dúvida em dar a cólera como doença dominante, pois baseou-se na semelhança do quadro clínico que tivera oportunidade de observar pessoalmente, por ocasião da epidemia do morbo na cidade do Rio de Janeiro, em 1855. Discutia-se muito em ser ou não contagiosa a cólera, mas havia surgido no cenário mundial da ciência, a figura genial de Louis Pasteur (1822-1895), com seus estudos memoráveis acêrca da vitalidade dos fermentos, a ilusão da “geração espontânea” e as bactérias patogênicas. Só muitos anos mais tarde, no ano de 1883, Robert Koch (1843-1910), um nôvo gênio da concepção científica e da técnica bacteriológica (106), viera descobrir um bacilo em formã de vírgula, a que se denominou de *vibrião colérico*, o agente causador do terrível morbo. Assim, a identificação da infecção e certeza do diagnóstico, passaram depois a ser confirmados na pesquisa do vibrião diretamente nas fezes e pelo sorodiagnóstico, meios laboratoriais inexistentes e impossíveis na época.

Ao afirmar ser a cólera o mal que flagelava os nossos expedicionários, estava correta a impressão clínica dominante no espírito do Dr. QUINTANA e dos médicos de então. Só depois, com os meios de pesquisa e de observação, podemos tentar fazer um diagnóstico por exclusão, pois, sabemos que a doença estêve circunscrita e restrita apenas ao aglomerado humano da Fôrça Expedicionária, no período de uns quinze dias, sem ter disseminado outros locais da província de Mato Grosso, apesar de os convalescentes terem se encaminhado até Cuiabá. Não existiria nenhum bacilífero entre aquêles nossos soldados sãos ou doentes e convalescentes?

Nessa tentativa de diagnóstico por exclusão, passando, também, pela infecção tifóide e a disenteria bacilar aguda, não podemos desprezar o episódio ocorrido no pomar do Guia Lopez, quando os nossos doentes e convalescentes ao ingerirem grande quantidade de laranjas, devorando-as até com cascas, e de limões, a doença desapareceu por encanto. Diz Taunay em suas *Memórias*, na página 251, que comeu de assentada nada menos de vinte e oito laranjas! Qual a causa de ter cessado a epidemia, após o consumo em grande quantidade de laranjas e limões? Hoje, com o conhecimento do metabolismo da água e dos eletrólitos, podemos interpretar o que ocorreu: houve espoliação hidrossalina em nossos expedicionários. Quanto à

(105) . — *Tratado de Patologia Médica*. Terceira edição, Ed. Guanabara, Tomo I, pp. 306-308.

(106) . — VASCONCELLOS, I. de — *A vida e a obra de Robert Koch*. Monografias do Instituto Brasileiro de História da Medicina, Rio de Janeiro, 1960.

ingestão de água, esta fôra realizada, porém, sem a reposição necessária de eletrólitos que somente foram assimilados na grande ingestão de frutas, resultando, em consequência, a melhoria do equilíbrio hidrossalino e com a recuperação dos nossos heróis. Eis a explicação. Não podemos esquecer a avitaminose que também esteve presente naquêlo quadro clínico, cuja perda fôra mais pelos vômitos do que pela ausência de alimentação naquêles poucos dias, mas o providencial pomar viera concorrer como papel adjuvante na recuperação dos nossos enfermos e convalescentes.

A infecção da cólera não seria curada com êsses meios; apenas se observaria melhores condições físicas dos enfêrmos. A verdade é que cessou a tal epidemia nos infelizes expedicionários brasileiros, após as providências de viveres, e, evitados os alimentos deteriorados — a causa do quadro epidêmico.

* *

*

No dia 25 de maio de 1867, com água até à cintura, nossos soldados transpuseram o córrego da Prata, afluente do Rio Miranda. Nessa ocasião, o número de padiolas carregadas com doentes elevava-se a 96 e como se fazia necessário oito homens para o revesamento, mais da metade da fôrça estava empregada em transportar os enfermos.

A intensa fadiga e o descontentamento eram evidentes, visto que realizavam um trabalho extremamente penoso como o de padioleiros e as praças já murmuravam com ameaças de desvencilharem-se da sobrecarga do transporte dos doentes, agravado pelo estado físico e pela longa distância a percorrer. Diante da situação tensa, foi preciso muita energia dos oficiais para impor a ordem.

Acentua Taunay, que a maior parte das unidades achava-se dominada pelo espírito da desorganização e, conseqüentemente, a insubordinação quase instaurou-se.

Nesse dia, o Coronel Carlos de Moraes Camisão convoca várias vêzes os comandantes dos corpos, manifestando maior apreensão e mesmo certa agitação. Ele estava profundamente impressionado e desabafou o que lhe ia no íntimo, quando dissera:

“para um chefe era a morte preferível ao espetáculo que desde algum tempo tinha sob os olhos”.

E ao referir-se, nessa ocasião, aos enfermos, afirmara:

“Ah! quanto quisera eu estar no lugar de um dêstas que acabaram”.

Transcrevemos essas frases para avaliarmos a luta interior vivida pelo infeliz mais bravo Coronel Camisão. Numa dessas conferências com os oficiais, êle sugeriu um nôvo arranjo no transporte dos doentes, a cuja idéia se manifestaram contrariamente os presentes, considerando-a inexequível.

O Coronel Camisão julgava que sòmente a urgente e rápida marcha da Coluna poderia salvar o resto da fôrça, cujo empecílho era o transporte moroso dos enfermos, considerando-se, também, impossível levá-los mais longe.

À meia-noite, então, convoca o Comandante-chefe uma nova reunião, quando a iniciou com palavras concisas e objetivas acêrca da situação da Expedição, para finalmente concluí-la, comunicando sua extrema decisão: abandonar os doentes à comiseração do inimigo. Assumiu inteira e exclusiva responsabilidade. Sòmente os convalescentes seguiriam. Após essa terrível e dolorosa comunicação e resolução, diz Taunay que não houve uma só voz que contra esta medida se levantasse e

“longo silêncio acolheu a ordem, sancionando-a”.

A seguir, se não bastasse o sofrimento dos médicos militares sem os meios terapêuticos necessários para salvar aquêles bravos soldados, o Coronel Camisão ainda aumentou-lhes os tormentos com um grave problema de deontologia médica, ao convidá-los a apresentar-lhe objeções, acaso inspiradas pelo dever profissional, diante de sua determinação.

Ouviu-se, então, a opinião discordante do Capitão 1º Cirurgião, Dr. MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA que

“depois de alguma reflexão”, com o impacto daquella ordem, disse “que não ousava aprová-la nem a desaprovear, só lhe competia, então, o silêncio, pois se de um lado tinha de atender ao seu juramento profissional, por outro achava-se êste, no caso atual, em contradição absoluta com a sua consciência de funcionário público adido à expedição” (107).

Era, sem dúvida, o protesto velado contra a desumana ordem, mas como médico militar, o Dr. GESTEIRA não poderia dizer outra coisa. A sua obrigação era preservar e recuperar a saúde dos soldados, cujo destino cabia, exclusivamente, ao chefe da Coluna. A decisão de casos como êste compete ao comandante das fôrças, em situações extremas e desesperadas, e parece-nos que é o conceito até hoje mantido e aceito. Dessa maneira, a prerrogativa assumida ple-

namente pelo Coronel Camisão, fê-lo digno de um chefe militar autêntico.

Após o pronunciamento do oficial médico, o Coronel Camisão, ordena que

“à luz de fachos imediatamente na mata vizinha se abrisse uma clareira, para onde seriam transportados e abandonados os enfermos”.

E acrescenta ainda Taunay:

“Ordem terrível de dar, terrível de executar; mas, no entanto (forçoso é confessá-lo), não provocou um único reparo, um único dissentimento”.

Dizem que os pobres doentes aceitaram resignadamente a solução para suas vidas, possivelmente diante do estado agônico em que a maioria se encontrava, como afirmam as partes oficiais, só pedindo que lhes deixassem água. Em um tronco de árvore, foi pregado um cartaz, dizendo em letras garrafais: “Compaixão para os coléricos!” E essa compaixão se estendia a 123 (108) infelizes brasileiros, ali deixados à própria sorte.

Pouco depois, ao mover-se a Coluna, ouviu-se a fuzilaria inimiga. Era um esquadrão de cavalaria paraguaia, imolando os nossos enfêrmos à bala e depois

“lanceando a cito, sem poupar nenhum, aos que se achavam ao alcance de seus braços”,

conforme narra uma testemunha ocular mais adiante citada. E diz sobre êsse momento dramático o comandante interino da Coluna, em sua parte oficial:

“Cena medonha que fica indelêvelmente marcada no espírito daqueles que ouviram os gritos dos míseros coléricos!”

Já Taunay escreveu acêrca dêsse instante funesto:

“Ninguém de nós ousava olhar para o companheiro!”

(108). — Havia certa controvérsia quanto ao número de doentes abandonados, pois, Taunay n'*A Retirada da Laguna*, p. 114, assevera 130 praças e em sua *Narrativas Militares* fala em mais de 200 homens. Já o comandante da Expedição, major José Tomás Gonçalves, em sua parte oficial, datada de 16 de junho de 1867, consigna cêrca de 76 moribundos, deixados no referido pouso. A parte oficial do Corpo de Saúde, assinada pelo Dr. QUINTANA, assinala 122 o número dos doentes abandonados por ordem superior, excluindo o cabo Calixto de Medeiros de Andrade que conseguiu escapar com vida.

O abandono dos moribundos fôra, realmente, uma ordem terrível que não podemos aceitar, mas, cuja resolução somente os que viveram aquêles momentos de desespero e de salvação poderiam medir e decidir. Taunay volta para a Côrte (Rio de Janeiro), como emissário oficial, levando a notícia da desastrosa *Retirada da Laguna*, entrevista-se com o Imperador Dom Pedro II, que ao ouvi-lo, disse:

“Bem, lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim... tudo verei?” (109).

O abandono dos doentes recebeu, também, crítica severa de Cuvillier Fleury, membro da Academia Francesa, e de outros escritores (110). O Dr. José Pereira Rêgo, futuro Barão de Lavradio, no *Relatório da Junta de Higiene Pública*, já citado, de 26 de março de 1868, manifesta o horror que lhe inspirava a narrativa dos acontecimentos e não pôde silenciar quanto à posição assumida pelo bravo mas infeliz comandante da Expedição, ao

“dar o passo lamentável que deu, abandonando na retirada tantos brasileiros dignos de melhor sorte, os quais nem ao menos tiveram em sua desventura, uma mão carinhosa que os amparasse nos últimos momentos de seu fim desgraçado e lhes cobrisse o corpo inanimado com um pouco de terra da Pátria, em holocausto da qual morriam; porque, entregues à brutal ferocidade de seus inimigos, foram por êstes trucidados no leito de dor quando tôda resistência de sua parte era impossível pelo aniquilamento das forças físicas e morais”.

Sabemos que um desses infelizes soldados pôde escapar, juntando-se aos seus companheiros, cujas peripécias da fuga, narrou-a com minúcias, muitos anos depois, em agôsto de 1919, ao escritor Godofredo Rangel, que a publicou na *Revista do Brasil*, nº 55, julho de 1920. Chamava-se Calixto Medeiros de Andrade e residia, na época, na cidade Estrêla do Sul, Minas Gerais. Em seu depoimento, afirmou êste sobrevivente, que com a aproximação do inimigo, depois de pular por cima dos companheiros, conseguiu entrar no mato e escapar. Continuou a engatinhar pelo mato abaixo e após muito esforço saiu no campo, porém, os paraguaios e seus cães adestrados estavam nas imediações. Depois de passar despercebido e arrastar-se pelo campo, encontrou um cavalo muito magro e utilizando uma tira de pano, atadura, de dois metros de comprimento, que estava enrolada no braços em que o médico o sangrara, adaptou-a como cabresto no animal e cavalgou com cautela. Diz, também, que na inconsciência provocada pela moléstia, nem sabia que havia sofrido uma sangria...

(109). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, p. 287.

(110). — *Idem. Ibidem.* p. 244.

Ao aproximar-se do acampamento brasileiro, ainda com os paraguaios nas vizinhanças, seus companheiros o avistaram e vieram em seu auxílio. Deram-lhe um presente que muito o agradou: duas laranjas. Assim, ao reunir-se, novamente, à Coluna, o nome dêsse herói deixou de figurar na relação oficial dos que foram deixados no pouso pela Expedição.

Hoje, ao localizarmos a relação nominal dos *cento e vinte* infelizes heróis e mártires, cuja publicação sai em *Anexo* a êste ensaio, transcrevêmo-la com imensa emoção, pois, representa uma homenagem efetiva e duradoura. Seus nomes que são apresentados pela primeira vez nos anais da história da *Guerra do Paraguai*, merecem ser gravados no monumento consagrado aos heróis da Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, agora não os mártires desconhecidos como lá estão afigurados, mas identificados e recordados eternamente pelos pósteros.

A lembrança de cada um daqueles brasileiros deve receber sempre a nossa sentida reverência do reconhecimento e da gratidão, como dos mais infelizes soldados imolados no cumprimento do dever, cujas vidas representam a própria imortalidade da Pátria Brasileira e o sentimento de humanidade universal.

* *

*

Em todo o nosso trabalho e principalmente quando estudamos a evolução da *Coluna Expedicionária de Mato Grosso*, tivemos a preocupação de apresentar dados aproximadamente reais sôbre os efetivos e perdas humanas, tendo para isso procurado as fontes oficiais. Entretanto, devemos reconhecer, que não foi tarefa fácil reunir êsses números, pois são bastante falhos e deficientes os documentos de informações a respeito. Alguns historiadores, comumente, desprezam êsses dados pela preocupação de revelar as operações da luta e quando o fazem são exagerados nos efetivos ou os omitem completamente.

Na *Retirada da Laguna* não poderíamos, igualmente, desviamos-nos dessa orientação inicial, ainda mais para não dramatizá-la como é comum sua apresentação nos compêndios históricos. Também não podemos concordar com o General Tasso Fragoso — emérito historiador militar —, que considerava a *Retirada da Laguna* como

“operação militar desvaliosa, célebre apenas por ter se caracterizado pela falta de comida...” (111).

(111). — PAULA CIADADE, Gen. F. de — *Síntese de três séculos de literatura militar brasileira*. 1a. Edição, 1959, p. 496.

Não, assim é demais. A invasão do território inimigo foi um erro grave e revestiu-se da ausência de grandes batalhas, mas com ataques violentos da cavalaria paraguaia que foram bravamente repellidos, entretanto a retirada em si e as solitudes lembradas com o rosário de episódios e resoluções militares são suficientes para serem apresentadas como fatos merecedores de exaltação.

Assim, no que se refere ao efetivo e perdas humanas em consequência da *Retirada da Laguna*, sabemos que, na invasão do Paraguai, pelo norte da República, a Coluna Brasileira compunha-se de 1.907 praças. Depois da penosa marcha de retirada, no acampamento na margem do Rio Aquidauana, tínhamos 1.329 homens, apresentando o número de baixas em 578, entre mortos, feridos e desaparecidos, conforme quadro demonstrativo publicado por E. C. Jourdan (112) com as “relações de mostra dos corpos” que compunham a Expedição.

Tivemos oportunidade de apresentar no final do capítulo anterior, o total das forças brasileiras, em Nioaque, a 1 de fevereiro de 1867, cujo efetivo era de 2.084 homens, porém, nos três meses decorridos até a invasão, possivelmente, houve essa alteração por motivos vários e pelo desfalque com o destacamento que ficara sob as ordens do chefe da Repartição Fiscal, Coronel Francisco A. de Lima e Silva, naquela localidade.

O Coronel Emílio C. Jourdan, em seu citado trabalho, na página 103, reproduziu também um mapa com

“a relação de mortos e feridos nos combates dos dias 6, 8, 11 e 18 de maio, extraviados por ocasião dos mesmos combates, falecidos e abandonados, atacados pela cólera-morbo (*sic*), falecidos por explosão e afogados”,

assinado pelo Bacharel Antônio Florêncio Pereira do Lago, Capitão Assistente do Ajudante-General, datado de 14 de junho de 1867, no acampamento na margem esquerda do Rio Aquidauana. Esse mesmo mapa fomos localizar no Arquivo Nacional (113), cuja relação é a seguinte:

| | |
|---|-----|
| Mortos em combate | 30 |
| Feridos | 41 |
| Extraviados | 1 |
| Falecidos, atacados pela cólera | 174 |
| Moribundos, atacados pela cólera e deixados no pouso por falta de transporte | 122 |

(112). — JOURDAN, E. C. — *História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai*. Segundo Volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893, p. 106.

(113). — IG 1 — 242, doc. 417.

| | |
|------------------------------|------------|
| Falecidos por explosão | 9 |
| Afogados | 3 |
| | <hr/> |
| Total: | 380 homens |

Dêsse modo, sabendo que as baixas orçaram em 380 homens acima relacionados, mais os 198 praças considerados desaparecidos, conforme o mapa com as “relações de mostra dos corpos” citado anteriormente, o total geral das perdas humanas da *Retirada da Laguna* é de 578 homens.

O único extraviado acima relacionado é o Alferes Capelão, Padre Antônio Augusto do Carmo, das fôrças mineiras, que tendo baixa por doença na colônia de Miranda, não pôde acompanhar a Expedição quando esta seguiu para a fronteira do Apa. Após receber notícia da volta da Coluna e encontrando-se já restabelecido, o sacerdote partiu resolutamente para se juntar à mesma, em vez de recuar em direção a Nioaque. Armado de clavinote e revólveres à cintura, o Padre Carmo caminhou durante dois dias, quando no terceiro dia dia avistou-se com um troço de cavalaria paraguaia e começou sozinho a fazer fogo, sendo, então, cercado e ferido. Depois de muito espancado foi levado como prisioneiro para o Paraguai, tendo falecido em Concepção. Depois dessa narrativa, acrescenta Taunay sobre o Padre Carmo:

“Que juízo devemos dele fazer? De simples insensato ou ingênuo herói?” (114).

Numa relação nominal dos oficiais e praças mortos pela cólera, apresentada pelo capitão assistente do Ajudante-General, no acampamento na margem do Rio Aquidauana (Pôrto Canuto), em 15 de junho de 1867 (115), assinala o nome do soldado JOÃO PACHECO DA COSTA, da Companhia de Enfermeiros, que aqui consignamos com as nossas homenagens.

* *
*

E ao encerrarmos êste capítulo sobre episódio da *Retirada da Laguna*, não podemos fazê-lo sem antes prestar uma reverência mui especial aos oficiais médicos, Capitães 1^{os}. Cirurgiões, Drs. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA e MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA (116), cujas atuações relevantes na retirada foram assinaladas pelas Ordens do Dia e comprovam a abnega-

(114). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, s.d., p. 243.

(115). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 242, Doc. 422.

ção, o estoicismo, a fé, a coragem e o sangue frio diante de tanta miséria.

Podemos proclamar sem paixão, que êsses dois profissionais pela posição que exerciam, representaram os condutores morais dos retirantes, para a salvação da honra e da dignidade do Brasil. Sôbre êles se concentravam a derradeira esperança contra a morte e o lenitivo do calor humano, conforto tão necessário junto àqueles heróis.

Hoje, da lembrança e evocação dêsses abnegados e dedicados médicos que souberam cumprir os preceitos hipocráticos e militares, sômente existem os medalhões com suas efigies, no Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, GB. A idéia inicial do monumento aos "Heróis da Laguna e Dourados" surgiu na Escola Militar, em 1903, em aula proferida pelo Prof. Lobo Vianna, mas coube ao então Tenente Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo, no ano de 1920, motivar a mocidade militar que abraçou com entusiasmo a sua realização. O Professor Cordolino de Azevedo foi eleito pelos cadetes presidente da Comissão Central do monumento. Êste oficial

"no limiar de cada ano buscava energias novas ao contacto das turmas de cadetes",

arregimentando legionários para a bela causa patriótica e assim, graças à sua perseverança, tenacidade e esforços ingentes, pôde assistir a inauguração do monumento, em 1938, depois de dezoito longos anos de exaustivo trabalho. A concretização do monumento deveu-se à contribuição de donativos das corporações militares, governos e povo, e representa o símbolo votivo de inspiração do dever para com a Pátria.

Finalmente, devemos manifestar contritamente como homenagem duradoura aos médicos-soldados, doutores GESTEIRA E QUINTANA: a Nação Brasileira lhes é agradecida eternamente pelos edificantes exemplos assinalados na gloriosa jornada!

(Continua).

(116). — Radicou-se na cidade de Ouro Preto, MG, onde contralou núpcias, antes de partir para o Paragual, com D. Carlota Augusta de Magalhães Gomes Gesteira, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos: Francisco, Aristides, Rodrigo e Jaime. O primeiro matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, indo terminar o curso na Faculdade do Rio de Janeiro, em 1900, tendo clinicado na cidade natal e em Nova Lima, e sendo diplomado em farmácia pela Escola de Ouro Preto; o segundo e o terceiro, se formaram em direito, tendo Rodrigo se fixado na Bahia, exercendo a advocacia. Êsses dados nos foram fornecidos pelo farmacêutico Manoel de Aragão Gesteira, homônimo e neto do médico militar, e vêm retificar as notas a respeito publicadas no livro do Dr. Lúcio O. N. de Senna (*Médicos Mineiros*. Prefácio do Prof. Dr. Ivolino de Vasconcelos, Ed. Agr. Rio de Janeiro, 1947, pp. 64 e 111). O Dr. Manoel de Aragão Gesteira faleceu em 1889, na cidade de Lambari, quando muitos anos antes havia se reformado no posto de Major Cirurgião-mor de Brigada.